

Números revistos, crescimento maior

VICENTE NUNES

DA EQUIPE DO CORREIO

JORNAL
CORREIO
COTRIBU

11 AGO 2005

A despeito da crise política que paralisa o governo e faz estragos no Congresso, o otimismo está cada vez maior na economia. Desde o início da semana, de posse dos números fechados do comportamento da indústria no primeiro semestre, o mercado financeiro começou a rever as projeções de crescimento para este ano. A maior parte dos economistas já fala em aumento de até 3,5% para o Produto Interno Bruto (PIB), a soma de todas as riquezas do país. "Depois da divulgação do PIB dos primeiros três meses, que cresceu apenas 0,3%, instalou-se um pessimismo no mercado. Agora, com indicadores mais positivos, muita gente já começa a refazer os cálculos e a encontrar estimativas melhores para o crescimento", disse Sandra Utsumi, economista-chefe do Banco BES Investimentos.

Segundo Nuno Câmara, economista em Nova York do banco alemão Dresdner Kleinwort Wasserstein, o cenário econômico está tão favorável, que o único risco existente hoje é o de o PIB surpreender a crescer além do esperado. "Acabamos de rever nossas projeções de expansão do PIB deste ano, de 3% para 3,2%. Nada impede, porém, que esse número seja revisto mais uma vez nos próximos meses", destacou. Para Câmara, independentemente da crise política, o Brasil está conjungando fatores positivos que tendem a

dar grande impulso à economia: inflação em queda, contas fiscais ajustadas e equilíbrio nas contas externas. A esse fatores ainda se somará a queda das taxas de juros.

Papel dos juros

Na opinião de Renata Azevedo, economista da Arbor Gestão de Recursos, as taxas de juros terão papel preponderante nos próximos meses para definir o ritmo de crescimento do PIB. "Mas, ainda que o Banco Central se mantenha cauteloso e conservador, o importante será sinalizar que o corte de juros vai acontecer, em agosto ou setembro", afirmou. Pelas contas de Renata, em vez de 2,8%, o PIB crescerá no mínimo 3% neste ano.

Para o economista Carlos Thadeu Filho, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o dado mais animador foi a constatação de que a indústria de bens de capital (máquinas e equipamentos) cresceu 4,2% em junho quando comparada a maio e 8,3% frente a junho de 2004.

No entender de Sílvio Campos Neto, economista-chefe do Banco Schahin, as novas projeções são consistentes com o ritmo da economia, mas não devem ser interpretadas como um sinal de que o país voltou a crescer a pleno vapor. "Sem dúvidas, teremos um 2005 muito melhor do que se imaginava há pouco tempo. Mas o teto para o aumento do PIB neste ano é de 3,5%", disse.